



TRANSEXUALIDADE – O QUE A EDUCAÇÃO TEM A VER COM ISSO?

Ana Cristina Conceição Santos¹
ana.santos1@delmiro.ufal.br

Paloma Lorrany da Conceição Lima²
lorranypaloma7@gmail.com

RESUMO

Este artigo é parte da pesquisa monográfica que está sendo elaborada e será apresentada no curso de Pedagogia (UFAL/Campus do Sertão) e tem como finalidade compreender os desafios enfrentados pela estudante transexual, Paloma Lorrany, no seu processo educacional levando em conta as subjetividades que envolvem todo esse percurso. Para o desenvolvimento dessa pesquisa trabalhamos com as seguintes categorias: identidade de gênero, transexualidade, subjetividade e educação. O caminho reflexivo é apoiado nos estudos de Souza (2007), Bento (2008), Louro (2009, 2011), Jesus (2012), Torres (2014), Soares e Miranda (2015) autores e autoras que nos possibilitam refletir em torno das categorias privilegiadas neste trabalho. Utilizamos como metodologia a biografia na qual a subjetividade da pesquisada, que é também autora deste artigo, é revelada a partir de suas narrativas evidenciando os obstáculos e as formas de sobrevivência e enfrentamentos as violações de sua identidade de gênero durante sua trajetória de vida e escolar desde a Educação Infantil até o ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Transexualidade. Identidade de gênero. Biografia.

1 INTRODUÇÃO

A educação, em seu sentido amplo, é um dos processos que possibilita a transformação dos seres humanos mostrando caminhos “de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas” (BRANDÃO, 2002, p. 22). Portanto, a educação tem um caráter humanizador e a educação formal, a que é ofertada pela escola, deve se comprometer em incluir os diversos sujeitos quer seja por seu

¹ Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunto II da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão.

² Estudante de Pedagogia da da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão.

pertencimento étnico-racial, deficiências, identidade de gênero, orientação sexual, entre outros.

Contudo, o que observamos é que grande parte das escolas, em seus currículos e projetos pedagógicos, não contemplam a pluralidade das e dos estudantes ao que se refere a raça/etnia, gênero, sexualidades, entre outros. Neste trabalho, a trajetória educacional de Paloma Lorrany, estudante trans, é o fio condutor para analisarmos a importância da educação formal abordar a identidade de gênero, em especial, a transexualidade.

O não se reconhecer em um corpo masculino é experienciado por Paloma Lorrany desde sua infância. Quando ela frequentou o pré-escolar teve dificuldades de se adaptar e socializar-se na turma porque as e os colegas a viam como diferente e essa dificuldade permaneceu durante toda sua escolarização.

Ao ingressar, em 2016, como estudante de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas, Paloma Lorrany, que ainda usava o nome masculino de registro, começou a requerer algo que sempre lhe foi negado: o de ser tratada como mulher. Essa decisão foi fortalecida após os primeiros contatos com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade e Educação do Sertão Alagoano (NUDES/UFAL) que a estimulou a reivindicar esse espaço na universidade e a usar o seu nome social.

Paloma Lorrany é também autora deste texto e por isso essa biografia é escrita a quatro mãos, ou seja, pelo olhar de fora, da autora, que busca ter uma escuta ativa e sensível de modo a apreender que “através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes” (SOUZA, 2007, p. 69) e a autobiografada se redescobrimo através de suas narrativas e reposicionando suas ações a partir do aprofundamento teórico.

Desta forma, destacamos como objetivo compreender os desafios que Paloma Lorrany vem enfrentando no seu percurso educacional na construção da sua identidade de gênero.

2 ABORDANDO ALGUNS CONCEITOS

A Constituição Federal (1988), no seu artigo Art. 205, diz que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Pela Constituição todos os sujeitos têm o direito de usufruir de uma educação que o “prepare para o exercício da cidadania”, isto é, ter obrigações e também direitos de crença, a liberdade, etc.

Para Guarinello (2013, p.46):

Todo cidadão é membro de uma comunidade, como quer que esta se organize, e esse pertencimento, que é fonte de obrigações, permite-lhe também reivindicar direitos, buscar alterar as relações no interior da comunidade, tentar redefinir seus princípios, sua identidade simbólica, redistribuir os bens comunitários.

A escola que deveria ser o local privilegiado para que as discussões em torno das diversidades, em particular, as identidades de gênero e sexualidades fossem problematizadas considerando a pluralidade dos sujeitos que frequentam o espaço escolar, não desempenha o seu papel devido a falta de formação do professorado para essas temáticas conduzido as abordagens dentro de uma perspectiva heteronormativa e, como afirma Louro (2011, p. 43) “é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão, como se houvesse um caminho para se viver a feminilidade e a masculinidade e a heterossexualidade”.

Compreendemos por heteronormatividade:

A produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos. (LOURO, 2009, p.90)

A visão binária (homem/mulher) renuncia a existência das pessoas transgêneros³, pois “a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais.” (BENTO, 2008, p.17). Deste modo, o pensamento que o sexo (biológico) e gênero (social) estão ligados de maneira fixa e imutável colabora para o aumento dos preconceitos e violações de direitos dos sujeitos que não reconhecem seu gênero atrelado ao sexo biológico de nascimento.

Bento (2008) considera a transexualidade como “um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros nos corpos” (p. 19), como já demonstramos o sexo não tem relação direta com a identidade de gênero assumida pelo sujeito e, na maioria dos casos, as pessoas transexuais aspiram modificar os seus corpos de forma a se aproximar o máximo possível do gênero que se identificam e o situa na sociedade. Sendo assim, os sujeitos transexuais infringem as normas impostas para os gêneros.

Transexualidade, travestilidade, transgênero são expressões identitárias que revelam divergências com as normas de gênero uma vez que estas são fundadas no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações. As normas de gênero definirão o considerado “real”, delimitando o campo no qual se pode conferir humanidade aos corpos. (BENTO, 2008, p. 20).

Nesse sentido, a subjetividade está presente no constructo da identidade transexual e entendemos por subjetividade “tudo aquilo que concorre para a produção de um ‘si’, um modo de existir, um estilo de existência.” (SOARES e MIRANDA, 2009, p. 416). Trabalhar com essa categoria nos permite considerar as narrativas de Paloma Lorrany ao falar sobre os conflitos enfrentados na família e em sua trajetória educacional ao desejar vestir-se com roupas consideradas femininas.

3 TRANSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA BIOGRAFIA

Privilegiamos para essa pesquisa a metodologia biográfica, pois a mesma considera as subjetividades do sujeito e “a partir das narrativas (auto) biográficas,

³ Como esse termo ainda não é consensuado por pesquisadoras e pesquisadores então iremos privilegiar a definição apresentada por Jesus (2002): “Reconhecendo-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos cabem na dimensão transgênero, enquanto expressões diferentes da condição. A vivência do gênero como: 1. Identidade (o que caracteriza transexuais e travestis); OU como 2. Funcionalidade (representado por crossdressers, drag queens, drag kings e transformistas).” (p.07).

entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação”. (SOUZA, 2007, p. 11).

Esse método “possui uma especificidade heurística, que impede o entendimento das biografias como meramente materiais justapostos, isto é, apenas como protocolos dos conhecimentos sociológicos, traduzidos em informações.”. (SANTOS e GARMS, 2014, p.4096). Portanto, é um erro considerar esse tipo de metodologia para fazer generalizações ou exemplificar casos, pois tal uso desqualificaria esse tipo de abordagem.

Utilizamos como técnicas as narrativas de Paloma Lorrany sobre seu percurso educacional e nesse fio condutor a mesma desvela como foi se constituindo sua identidade de gênero feminina na relação social com outros sujeitos.

3.1 BIOGRAFIA DE PALOMA LORRANY

Paloma Lorrany nasceu no dia 23 de março de 1980, na cidade de Paulo Afonso/BA e foi registrada com o nome de Tony da Conceição Lima. Com apenas dois dias de nascida foi adotada por uma feirante, residente no povoado Várzea do Pico, município de Água Branca/AL, que desejava ter um filho do gênero masculino, pois já tinha oito filhas.

Paloma narra que aos cinco anos foi matriculada na pré escola e seu processo de escolarização passou a ser prejudicado pelas violências sofridas. Dos sete aos nove anos não conseguia obter rendimento escolar, repetindo várias vezes de ano, em decorrência das agressões verbais (era chamada de bichinha ,mariquiinha, viadinho e outros apelidos) e a sensação é que possuía uma doença contagiosa por tanta ojeriza que os colegas do sexo masculino sentiam dela.

Peres (2009, p.245) fala sobre a escola que não se posiciona sobre as opressões vivenciadas pelas estudantes:

A escola apresenta muitas dificuldades no trato da orientação sexual e de identidade de gênero, mostrando-se muitas vezes insegura e perdida diante das cenas que não estão presentes em seus manuais. Neste sentido, reifica os modelos sociais de exclusão por meio de ações de violência (discriminação e expulsão) ou de descaso, fazendo de conta que nada está acontecendo (não escuta as denúncias da dor da discriminação).

Paloma relata violências que sofreu fora do âmbito escolar como abusos psicológicos e sexual aos 12 anos de idade. O espaço familiar, escolar e outros não ofereciam segurança. Sobre a violência vivenciada por transexuais e travestis a Agência Brasil⁴, em janeiro de 2018, apresentou os dados do Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais, em 2017, que revelaram que o número de assassinatos foi o maior registrado nos últimos dez anos. Neste trabalho não iremos aprofundar sobre as violações de direitos das pessoas transgêneros, no entanto, é importante fazer esse destaque porque a escola faz parte da sociedade e tais questões tem que, de alguma forma, adentrar esse espaço.

As violências continuaram durante o ensino médio, mas isso não impede que Paloma se forme no magistério, em 2001, e três anos após sua formatura sua mãe adotiva faleceu e Paloma teve que procurar emprego na área de educação assumindo a função de professor substituto no município.

Nessa época Paloma ainda usava o nome de registro (nome masculino), todavia não impedia que reivindicasse, quer seja pela performance ou por suas colocações, uma identidade de gênero feminina e isso fez com que fosse denunciada na Secretaria Municipal de Educação por um pai de aluno que questionou suas posturas e trajes. No entanto, ela continuou lecionando e impondo respeito.

Na comunidade escolar, as relações entre membros do contexto escolar e as professoras travestis e/ou transexuais podem mudar as dinâmicas de poder entre estabelecidos e outsiders. Essa mudança tem sido conseguida dentro de processos sociais que têm desenvolvido novas compreensões da sexualidade humana. (TORRES e PRADO, 2014, p. 215).

É a partir da sua atuação como professora que Paloma causa inquietações em alguns sujeitos, porém, ela se encontra em um lugar que possui certa autoridade/poder.

Em 2014, Paloma obtém nota satisfatória no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e se inscreve no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão. Ao ingressar na universidade, Paloma pôde vivenciar de um espaço acolhedor, mas ela afirma que há ainda os estranhamentos e olhares que tentam desaprovar sua permanência na UFAL. No entanto, a rede de apoio

⁴<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-01/assassinatos-de-travestis-e-transexuais-e-o-maior-em-dez-anos-no-brasil>

construída que envolve professoras e professores, estudantes, entre outros, além da aprovação pelo Conselho Universitário da UFAL, em junho de 2016, do nome social nos registros funcionais e acadêmicos possibilitou que Paloma pudesse exteriorizar seu gênero feminino. Ela diz que a cada dia se sente mais mulher.

Abaixo apresentamos Paloma Lorrany antes e após assumir a identidade de gênero. As expressões faciais demonstram, na primeira foto, o não reconhecimento em um corpo masculino e na segunda foto o pertencimento de gênero, ou seja, uma identidade feminina construída.

Figura 1 – Tony da Conceição Lima (Paloma Lorrany)



Fonte: a autor

Figura 2 – Paloma Lorrany da Conceição Lima



Fonte: a autora

César comenta sobre a importância do nome social para as e os estudantes transexuais:

O reconhecimento do nome social representa a forma principal de produção da subjetividade na experiência contemporânea da transexualidade. Os artefatos escolares como as listas de chamada, os exames e mesmo uma simples abordagem em sala de aula fazem uso dos nomes e estes nomes estão demarcados no interior das regras normativas do sistema corpo-sexo-gênero (2009, p. 12).

Atualmente Paloma Lorrany está no sétimo período do curso de Pedagogia e foi contratada como professora das séries iniciais pelo município de Delmiro Gouveia. A sua atuação dentro da universidade e na sociedade vem visibilizando sua transexualidade e a mesma vem recebendo vários convites para palestrar sobre sua trajetória de vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biografia de Paloma Lorrany mostra o quanto é importante que a escola se reveja. De acordo com Junqueira (2009, p.30)

O processo de invisibilização de homossexuais, bissexuais e transgêneros no espaço escolar precisa ser desestabilizado. Uma invisibilidade que é tanto maior se se fala de uma economia de visibilidade que extrapole os balizamentos das disposições estereotipadas e estereotipantes. Além disso, as temáticas relativas às homossexualidades, bissexualidades e transgeneridades são invisíveis no currículo, no livro didático e até mesmo nas discussões sobre direitos humanos na escola.

A construção da identidade de gênero das pessoas transexuais perpassa por conflitos, violências e violações de direitos, pois a sociedade é tecida por uma lógica heteronormativa no qual o sexo biológico está relacionado ao gênero dos sujeitos. Paloma Lorrany rompe com essa lógica na sua construção identitária o que leva a vivenciar opressões e superá-las nessa sociedade transfóbica e heteronormativa.

Assim como Paloma, transexuais femininas e masculinas procuram ser respeitadas na sociedade e ter direitos garantidos como acesso a uma educação que reconheçam esses sujeitos como cidadãs e cidadãos plenos.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BRANDÃO, C. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CÉSAR. Maria Rita de Assis. Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras. In: XAVIER FILHA, C. (Org.). **Educação para a sexualidade**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis

equidade de gênero e para a diversidade sexual. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Cidades-estado na Antiguidade Clássica. In: PINSKY, Jaime, Carla Bressanezi Pinsky, (orgs.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, p. 29- 48, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p. 13-52, 2009.

LOURO, Guacira L. Currículo, Gênero e sexualidade –O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G.L; FELIPE J; GOELLNER. S. V. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, p. 41-52, 2011.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p. 235-263, 2009.

PERES, William Siqueira. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p. 85-94, 2009.

SOARES, L. B.; MIRANDA, L. L. Produzir subjetividades: o que significa? In **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 9(2), 408-424. Acesso em 28 de agosto, 2015, em <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a10.pdf>. Acesso em 03 ago. 2016.

SANTOS, Héllen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores. São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/141766>>. Acesso em 12 jan. 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD., e HETKOWSKI, TM. **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 03 abr. 2018.

TORRES, Marco Antônio; PRADO, Marco Aurélio. Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders. **Educação e Realidade**, Porto Alegre , v. 39, n. 1, p. 201-220, mar. 2014. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 nov. 2018.